



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.13

Aaron Fischer



CAPÍTULO 13

ACORDOS

— Seu problema está resolvido! – Balor entrou com pressa na sala de Jabri, sem pedir licença. Fazia dois dias que partira para lidar com o dragão, que tomara uma das principais minas do empresário para si, e Balor não possuía aquele tempo para perder...

Jabri se endireitou em sua mesa, surpreso pela entrada repentina de Balor no seu escritório:

— Que bela notícia, meu amigo Balor! Providenciarei para que retomemos as atividades agora mesmo! – O homem se levantou animado, indo até Balor para cumprimentá-lo enquanto falava, puxando-o mais para perto e abaixando o tom de voz para continuar.
- Que mal lhe pergunte, o que você fez com o maldito dragão?

— Isso você não precisa saber... – Balor lhe respondeu com rispidez, cortando o assunto. Seu humor não estava dos melhores desde a votação da Guerra de Expansão.

Jabri pareceu um pouco ofendido pela maneira com que Balor o respondeu, mas não insistiu na pergunta, dando de ombros:

— Então será que eu posso saber mais sobre o acordo que você fez com o Marechal para votar a favor da Guerra de Expansão ou também não preciso saber disso? – Ele não escondia a indignação em sua voz.

Balor se irritava com a facilidade que as pessoas se ofendiam fora do Exército Imperial, mas se refreou de fazer qualquer novo

comentário sobre aquilo, preferindo continuar como se nada tivesse acontecido. Afinal, o fato de Jabri já saber qual fora seu voto no comitê o surpreendera bastante:

— Então você já sabe... Sente-se, meu amigo, acredito que você gostará do acordo que firmei com o Marechal. Mas antes, como você soube do meu voto?

Jabri retornou até sua cadeira contrariado, seguindo os comandos de Balor sem nem perceber, apesar de estar em seu próprio escritório:

— Acho que você não precisa saber disso...

Balor abriu um sorriso sarcástico:

— Justo... - Talvez Balor se desse ao trabalho de descobrir posteriormente, mas naquele momento, ele só queria finalizar aquela conversa e partir. - ... então vamos ao que importa: algumas horas antes da votação fui chamado pelo Marechal até sua casa para uma pequena reunião, onde apenas nós dois estávamos presentes, diante de tudo que aconteceu, desde a tentativa de sequestro da minha filha e do vazamento da conversa que tivemos na final do

Campeonato Imperial de Fissureball, a morte de alguns dos presentes naquela reunião, até a própria votação em si, chegamos aos termos de um acordo, que nos comprará tempo, para que continuemos a fortalecer nossa posição até o momento certo de atacá-los.

Jabri apenas balançava a cabeça dando sinal que estava escutando, seus olhos esbugalhados em um misto de preocupação e curiosidade:

— A nossa situação estava realmente complicada...

Balor concordou, um pouco irritado pela interrupção:

— Se continuássemos daquele jeito, a situação explodiria muito antes do que seria o ideal para nós. Por isso, em um gesto de paz e compromisso dos dois lados, eu votei a favor da Guerra de Expansão e comandarei, com meus batalhões, a primeira investida, que pelo que conversamos será contra o Império Latsco. Em troca, eu e todos meus aliados serão deixados em paz, com garantia do próprio Marechal sobre a segurança de todos os seus negócios e famílias.

O sorriso de Jabri se abriu como uma flor, um enorme peso sendo levantado de suas costas:

— Que notícia incrível, Balor! Por que não nos falou antes?! Temos que comemorar este acordo! – Ele se levantou, indo buscar um whisky em um bar feito de uma rocha escura, encrustado com uma variedade impressionante de pedras preciosas. Jabri não parou nem um segundo para questionar o porquê do Marechal ter concordado com tal acordo.

— Não se anime tanto, Jabri... Você não vê os motivos do movimento do Marechal?

Jabri parou, travando enquanto colocava a primeira dose, se virando aos poucos para Balor:

— Como assim?

Balor tomara Jabri como um homem mais esperto por suas atitudes anteriores mas o medo fazia coisas estranhas com as pessoas. Talvez ele não acreditasse que algo poderia dar errado em sua pequena aventura revolucionária e agora se encontrava desesperado demais por uma solução, desesperado o suficiente para não questionar uma

saída fácil como aquela.

— O Marechal sabe que ainda tenho muita força, tanto dentro do Exército Imperial quanto com a população em geral... me enviando junto com os batalhões do Exército Imperial que são fiéis a mim, ele enfraquece minhas tropas e nos tira do intenso jogo político que ocorrerá no Império durante a Guerra de Expansão. Além disso, enquanto eu estiver fora, o Marechal irá trabalhar para me tirar de cena... acredito que tentará garantir que eu não tenha êxito nas minhas investidas contra o Império Latsco, utilizando a ameaça de um inimigo externo para unir o império e acabar com nossas diferenças, olhando para qualquer um que pense diferente como um traidor.

— Você acha que estaremos em risco do mesmo jeito então?

— Não, não acho. Enquanto eu mantiver minha posição de força, o Marechal irá respeitar o nosso acordo. No entanto, no dia que ele sentir o menor sinal de fraqueza, irá tentar nos destruir com um golpe só! Por isso temos que continuar nosso trabalho... Pense nisso tudo como uma bomba-relógio Jabri, nós temos apenas que fazê-la explodir no momento certo.

Jabri terminou de servir os dois copos de whisky, se virando com um sorriso forçado para Balor, enquanto entregava um dos copos ao general:

— Você não estava brincando quando disse que estávamos no mesmo barco a partir daquele momento... – Ele levantou o copo para brindarem. – ... Que nossa aliança seja a vencedora então, meu amigo! – Jabri virou a sua dose como se fosse água. Seus olhos tomados por uma nova determinação. – Qual o próximo passo?

Balor fez o mesmo com sua bebida, o seu corpo recebendo o ardor do álcool com avidez:

— Por algum motivo, o Marechal só anunciará o início da Guerra de Expansão após o término da Prova dos Elementos. Aproveitarei para encontrar com Kompas... tenho a intenção de fazer valer esses últimos dias antes de partir para o front de batalha!

COLISEU

O barulho da plateia que lotava o novo coliseu das Ilhas Bárbaras era ensurdecedor, a estrutura balançava levemente sob o peso dos espectadores que pulavam ansiosos pela última luta das festividades, que marcavam abertura daquele grandioso palco de batalha.

O rei da Ilhas Bárbaras tomara o amplificador de som para si, sua voz rouca sendo levada por todos os lados, anunciando a luta que estava prestes a começar:

– Como luta de fechamento para estas maravilhosas festividades, eu reservei um verdadeiro show para vocês! – A multidão estourou em gritos de vibração diante das palavras do Rei, que era amado por seus súditos – É tanto assim que eu mesmo apostei nesta luta, fiz uma aposta por todos nós, uma aposta no futuro das Ilhas Bárbaras! – Os espectadores voltaram a gritar com excitação e o Rei foi obrigado a esperar o barulho diminuir para continuar. O cochicho da multidão como um zumbido insistente de um inseto. – E, por isso, trouxe de volta o mais querido de nossos lutadores, um homem que já foi escravo, um homem que já foi o campeão de todos os coliseus das Ilhas Bárbaras, o maior pirata que já cruzou estes mares e o atual comandante da nossa frota de navios, um homem que tenho o prazer de chamar de Almirante da maior e mais poderosas frota de todo o mundo, Carcharadon, o Predador!!

Um homem negro entrou andando tranquilamente pela porta oposta ao camarote do rei. Ele trazia uma confiança e tranquilidade arrogantes em seu belo sorriso branco, emoldurado por um maxilar marcante,

de uma barba bem-feita, as orelhas, ornadas com brincos feitos a partir de anzóis e de aparência artesanal. Seus olhos caramelos quase escondidos por seu chapéu preto, com pequenos tokens, irreconhecíveis àquela distância, pendurando em sua aba maleável, por uma fita de tecido vermelha. Um sobretudo preto, enfeitado por botões e detalhes de ouro, sobre calças impecavelmente brancas, presas por mais uma faixa de tecido vermelho e botas de couro de aparência desgastada, completavam suas vestimentas, pouco apropriadas para um confronto como aquele. Na cintura, sua única arma aparente era um sabre, com o cabo feito inteiramente de ouro, assim como a bainha que o guardava, reluzindo sob o Sol que começava a descer no horizonte, levando consigo um pouco do intenso calor do lugar.

A multidão de espectadores foi além de qualquer coisa, que Makoto presenciara antes, pulando e gritando o nome do pirata, que acenava com seu sorriso sedutor no rosto tranquilo.

Demorou um tempo maior do que o esperado para que a multidão se acalmasse, tempo esse que o Rei Bael aproveitou para falar baixinho para Kuma e Makoto, com uma ansiedade mal contida na voz. Estava claro, que ele mal podia esperar para que aquela luta começasse:

— Se prepare, garota, irei anunciá-la agora!

Makoto foi até a beira da varanda do camarote do Rei. Ela optara por esperar por sua luta ali, pois não confiava nos adversários o suficiente para utilizar os confortáveis cômodos destinados aos lutadores. Makoto trajava uma das armaduras de samurai, que enfeitavam o suntuoso escritório de Kuma. As características placas de metal sobrepostas, que cobriam os seus braços e pernas, possuíam uma

tonalidade verde escura, contrastando com o marrom que dominava a placa de peito, assim como as partes internas de suas pernas. O seu elmo era simples e leve, feito de um metal escuro e complementado por uma máscara prateada, forjada com uma boca humana em completa fúria. Na cintura, sua lendária katana.

— Para desafiar o nosso campeão, eu trouxe alguém de longe, das terras continentais de Acrom, alguém da elite do temido e misterioso Império de Taur... – Makoto pôde sentir uma leve apreensão na multidão. – ... ex-coronel do Exército Imperial de Taur, liderou seu próprio exército de mercenários, visitou e conquistou países no Continente de Gaia, eu lhes apresento Makoto, a Fúria!!

Makoto se deixou cair da varanda, direto no campo de batalha, aterrissando com firmeza e imponência. O barulho da plateia já isolado de sua mente, seu foco no adversário a sua frente. Ela não sabia onde o Rei Bael conseguira aquelas informações sobre ela, mas o que mais a surpreendia era o fato de a maior parte delas ser verdade. Kuma espalhou uma série de histórias sobre todas as pessoas de maior importância em sua organização, no intuito de dificultar o reconhecimento delas, além de criar uma aura de mistério e poder ao redor delas.

Carcharadon, o Predador fez uma reverência galanteadora para ela, seus olhos cor de caramelo fixados nos seus, que se desconcertaram por um segundo. Era difícil um homem conseguir mexer com ela, ainda mais apenas com o olhar, mas aquele homem conseguira, algo além da sua beleza chamara a sua atenção, uma ferocidade escondida sob aquele poço de tranquilidade caramelo.

Makoto juntou as mãos às coxas e fez uma reverência mais formal,

indo se posicionar para que a luta pudesse ter início. A sua mente se esvaziou completamente, não importava as belezas e os encantos do seu adversário, talvez aquilo funcionasse com outros, mas não com ela. No final das contas ela teria que matá-lo de qualquer jeito.

A arena de batalha era uma elipse coberta de terra, sem nenhum obstáculo em seu interior, a não ser por duas torres cobertas por tecidos, que ficavam coladas às arquibancadas. Circulando a arena, ficava um fosso profundo com água salgada e criaturas marinhas.

Duas flechas com as pontas em chamas, foram atiradas de tribunas opostas uma a outra, localizadas no centro das margens da elipse formada pela arena de batalha, uma na esquerda e uma na direita, cruzando a frente dos gladiadores e acertando a torre de tecidos embebidos em um líquido inflamável, fazendo-as irromper em chamas e dando início a luta.

Assim que as flechas atingiram seu alvo, Makoto partiu para o ataque. A sua força e velocidade estavam muito acima das de um elemental comum, tudo graças ao intenso treinamento que se submetera desde sua infância. Ela percorreu a distância que a separava do seu adversário em poucos segundos, a mão direita no cabo de sua espada e esquerda na ponta da bainha. Com o dedo polegar, ela elevou a katana apenas alguns centímetros, revelando pouco da lâmina extremamente afiada.

Makoto viu o olhar surpreso de Carcharodon, quando ela passou por ele, em um flash, sua lâmina deixando a bainha por alguns segundos apenas, para cortar o peito coberto pelo sobretudo preto do seu adversário, em um golpe limpo e preciso de iaijutsu, a técnica de atacar ao desembainhar a espada.

Ela sentiu a lâmina cortando tecido e escutou o grito de dor do seu inimigo quando ele caiu, mas sabia que algo estava errado, era experiente demais com a lâmina para saber quando seu golpe era efetivo ou não. Makoto se virou depressa, já pensando em continuar com uma sequência de golpes que finalizasse a luta, mas se surpreendeu quando viu Carcharodon caído no chão, de costas para ela, a mão no peito como se tentasse parar o sangramento. Aquilo a confundiu, fazendo-a excitar por um segundo. Ela freou seu avanço, deslizando na areia, tentando pular para longe da armadilha que seu inimigo estava preparando, seja ela qual fosse, mas não conseguiu fazer a tempo.

Carcharodon rolou na areia, se sentando enquanto sacava duas belas pistolas, feitas de madeira e ouro, elas mais pareciam obras de arte do que armas, as disparando em rápida sequência, um sorriso petulante no rosto. Ela ainda conseguiu se mover, apesar de desequilibrada, o suficiente para salvar sua vida, mas não para desviar do ataque.

O primeiro tiro acertou Makoto na máscara de ferro, que desviou a trajetória da bala, fazendo-a cortar sua bochecha e arrancar um pedaço de sua orelha direita. O segundo tiro lhe acertou em cheio na perna direita, sendo detido pela armadura, mas o impacto jogou suas pernas para trás, fazendo-a cair no chão um pouco desnorteada.

Makoto rolou para o lado se pondo de pé, enquanto se distanciava do seu inimigo. Ela podia sentir seu ombro encharcado pelo sangue que saía do seu ferimento, sua audição do ouvido direito completamente perdida. O tiro na perna não conseguira penetrar a armadura, mas o impacto fora significativo, fazendo-a engolir a dor enquanto olhava indignada para Carcharodon:

– Você não luta com honra... – A raiva na sua voz era clara. Apesar de irritantes, seus ferimentos não eram nada demais e ela sabia disso. O fato do seu inimigo estar usando uma armadura por debaixo de toda sua vestimenta, por outro lado, iria obrigá-la a usar seu poder, e a última coisa que ela queria era que a multidão inteira que os assistia tivesse aquela informação.

– Do meu ponto de vista, usar todos os meios disponíveis para se conseguir a vitória, é a maior forma de honrar seu adversário. – Carcharodon, abriu o sobretudo revelando uma camisa de seda vermelha, cortada no peito, por onde se podia ver uma cota de malha reluzente. A sua voz era melodiosa, um sotaque carregado e vibrante, que Makoto não conseguiu identificar.

– Filho da puta... vou te mostrar o que é lutar de verdade então. – Uma energia verde cobriu a lâmina da katana de Makoto. A energia emanava da sua mão, que brilhava, completamente envolta por ela, pulsando como um coração. A energia parecia moldar o metal, se entremeando e mudando sua estrutura à medida que o percorria, fazendo o mesmo com sua mão e pele, até finalmente parar, a lâmina agora verde-escura, quase preta, o cabo da espada uma extensão do braço de Makoto, como se fosse um membro natural do seu corpo, sua mão se confundia com a espada. A energia continuava a agir sobre o metal da armadura que protegia seu braço direito, repetindo o processo, fazendo o seu braço inteiro assumir a mesma cor escura, a mesma textura metálica da sua arma.

Ela avançou, sua velocidade e forças ainda maiores, não dando tempo para que Carcharodon disparasse novamente. Makoto mirou os pulsos do seu adversário, mas ele recuou a tempo, fazendo-a cortar ao meio suas belas pistolas. Ele continuou a recuar, evitando dois

golpes precisos de Makoto contra o seu corpo, mas no terceiro, ela abriu a sua cota de malha como se fosse feita de papel, fazendo um corte grande em sua barriga.

Carcharodon deu um pulo para trás, parecendo pouco abalado pelo ferimento, tirando uma rocha vermelha de dentro do seu sobretudo e a jogando no ar. A explosão mandou os dois voando para lados opostos.

Makoto se protegeu com seu braço embebido em poder, deixando a armadura samurai tomar a maior parte do dano no restante do seu corpo, mas não sem sofrer algumas queimaduras onde sua pele estava exposta. Carcharodon, pareceu fazer a mesma coisa, protegendo seu rosto com os braços envoltos em armadura, seu sobretudo agora em frangalhos.

— Então já vamos pular para poderes? Você realmente não sabe como um coliseu funciona... – Ele apontou para as arquibancadas. – ... Para ser amado por eles, você precisa diverti-los! Serei obrigado a entretê-los destruindo seu corpo, então. – Carcharodon começou a crescer, seu corpo ganhando uma quantidade enorme de músculos, destruindo a armadura que o envolvia, sua pele adquirindo um tom acinzentado, guelras surgiram no seu pescoço, agora grosso como um carro, assim como barbatanas nos seus cotovelos e costas. Ele cresceu até atingir dez metros de altura, seu corpo um híbrido de tubarão e ser humano, sua boca gigantesca cheia de dentes afiados e grandiosos, seus olhos completamente negros, toda sua beleza apagada pela fúria ameaçadora do predador, seu corpo completamente envolto em músculos, seus braços e pernas grossos como árvores.

Ele avançou, seus pés fazendo grandes sulcos na areia, o chão

tremendo sob suas pegadas furiosas. Makoto não se deixou intimidar, usando sua velocidade para sair do caminho do seu adversário, enquanto abria um corte profundo em sua perna direita.

A pele de Carcharodon era muito mais dura e resistente do que a cota de malha que ele estivera usando, mesmo assim, a katana de Makoto a cortara como manteiga. O ferimento não pareceu incomodar Carcharodon, que girou seu braço em um potente golpe, a fazendo recuar, enquanto desviava da sequência de ataques desferida por seu inimigo.

Makoto se esquivava com facilidade dos ataques incrivelmente poderosos de Carcharodon, contra-atacando com cortes profundos de sua espada, no entanto, os ferimentos não pareciam fazer efeito no seu inimigo. Ele era tão grande que os cortes, por mais potentes e profundos que fossem, não passavam de arranhões para o seu gigantesco corpo.

Para ganhar tanta força e resistência, ele renunciara à velocidade, porém, em algum momento, ele acabaria acertando-a, e um golpe dele seria suficiente para acabar a luta. Ela precisava de mais poder nos seus golpes ou perderia.

Makoto não esperara enfrentar alguém daquele nível, uma aposta idiota como aquela já lhe custara a audição do ouvido direito e a sua orelha e, pelo andar da carruagem, a obrigaria a revelar toda a extensão de seu poder. Ela entendia os motivos da aposta, mas isso não a impedia de odiar as pessoas em posição de poder.

Antes de revelar todo seu poder, ela precisava tentar algo. Com um movimento rápido de pés, ela se aproximou do corpo de Carcharodon, pulando com toda a sua força e velocidade para cima, em um linha

reta e horizontal ao corpo do seu adversário, percorrendo toda a sua extensão com sua lâmina, lhe abrindo um corte da base da barriga, até o pescoço, destruindo guelras no processo.

Carcharodon pareceu finalmente sentir o golpe, levando seu braço esquerdo até a guelra em um movimento involuntário. Ainda no ar, Makoto virou a espada, direcionando sua ponta contra o olho do seu inimigo, deixando a gravidade lhe puxar para o golpe final. A katana atravessou a mão direita de Carcharodon, que a levantou a tempo de defender o golpe, se fincando até o cabo. Ele tentou fechar seus dedos ao redor de Makoto, que estava presa a arma, mas ela conseguiu rasgar sua mão a tempo, fazendo a lâmina irromper entre os dedos médio e anelar, levando-a consigo para longe do perigo.

Apesar dos grandes ferimentos impostos por Makoto, Carcharodon continuava tranquilo, sua estamina não parecendo diminuir ou vacilar por um segundo sequer. Sem titubear, ele correu e pulou no fosso que circulava a arena, desaparecendo por completo sob a água. A multidão se calou na expectativa do que iria acontecer assim como Makoto, que ficou parada, olhando ao redor, tentando adivinhar de onde viria o próximo ataque do seu inimigo.

Alguns minutos se passaram sem que nada acontecesse, Makoto tinha sua respiração sob controle, jogando o jogo psicológico do adversário com destreza, seu corpo totalmente alerta, procurando pelo Själ de Carcharodon por sob a água, mas ele escondia sua presença por completo.

O chão sob os seus pés pareceu explodir, arremessando-a para o alto, junto com os grandes blocos de pedra que formavam a arena! O ataque pegou Makoto completamente de surpresa, a deixando

praticamente sem defesas no meio do ar, enquanto a gigantesca boca de Carcharodon se aproximava do seu tórax. Com um movimento de corpo, utilizando o lado sem fio da katana como apoio contra a lateral da cabeça do seu inimigo, Makoto evitou a mordida que a teria cortado ao meio, mas não conseguiu evitar o murro, que a acertou no lado esquerdo do corpo, quebrando seu braço e a mandando com força de encontro ao chão.

Ela rolou para longe, usando toda sua força de vontade para não perder os sentidos. O ar resistia a entrar nos seus pulmões, ela com certeza quebrara algumas costelas, mas não tinha tempo para pensar nisso. Usando a espada como bengala, Makoto se pôs de pé, mas Carcharodon já submergira novamente, desaparecendo sob a água.

Aparentemente a arena não era um bloco maciço de pedras e concreto circundado por uma fosso de água mas sim um fino bloco de pedras, suspenso ou boiando sobre uma única massa de água. Makoto tentou localizar o inimigo, procurando por seu Sjal, mas novamente não obteve êxito. Ela não tinha escolha, teria que usar tudo que tinha para derrotar Carcharodon.

UMA VITÓRIA NEM TÃO DOCE

Não passava das quatro horas da tarde do terceiro dia de prova, dia seguinte ao ataque ao acampamento de Hurty e seu grupo, e eles ainda estavam no acampamento, se recuperando da dura vitória que haviam conquistado.

Era uma grande vitória, mas esta não viera de graça. Depois que o sangue de todos esfriou e estavam de volta ao acampamento, puderam perceber os danos que sofreram. Kvin estava com pelo menos duas costelas quebradas e o pulso severamente torcido. O corte de Aaron na perna reabriu e a mão com a qual dera o murro na espada estava machucada. Gent era o que estava em melhores condições dos quatro, tendo só o olho roxo deixado pelo garoto da gosma e alguns arranhões.

Já Aurea aparentava estar fisicamente bem, não tendo nenhum grande ferimento externo. Mas havia desmaiado ao tentar se levantar para ir embora do acampamento adversário e, desde então, não havia acordado ou emitido um barulho sequer, parecendo estar em um sono profundo.

Eles não comiam nem bebiam nada desde o esquilo da noite passada e estavam com fome e sede, por isso Aaron havia se voluntariado para buscar água e comida assim que acordou. O dia estava estranhamente calmo e ele não viu ninguém enquanto caminhava cautelosamente em direção à praia. Após algumas horas de pesca, ele conseguira quatro peixes de bom tamanho e um polvo que encontrara perto de alguns corais. Encheu dois recipientes improvisados feitos do

tecido que formava o acampamento e voltou quando o Sol já havia se posto. Ele estava muito preocupado com Aurea. Por mais que ela tivesse usado poder e energia na batalha, o estado em que ela se encontrava não era normal.

Quando voltou ao acampamento, todos estavam mais ativos. Kvin fazia um chá com algumas plantas enquanto, para o seu alívio, uma abatida mas acordada Aurea, lhe dava instruções. Todos ficaram animados quando o viram, ajudando-o com os peixes e a água. Rapidamente Kvin tratou dos peixes e, à medida que o fazia, ia os colocando na chapa enquanto Aaron tratava o polvo. Agora que Aurea estava melhor, finalmente podiam sentir o gosto da vitória e comemorá-la. Todos concordaram em tirar aquele dia para descansar um pouco e se recuperar dos ferimentos.

Gent, Kvin e Aaron combinara de só contar o número de moedas que haviam obtido no ataque ao grupo de Hurty quando Aurea acordasse, e por isso, um montinho considerável de moedas jazia perto da chapa. Quando acabaram de comer, o gênio colocou a chapa de lado e foram contar as moedas. Ao todo, eles haviam conseguido cinquenta e duas moedas do grupo da ruiva, que juntando com as vinte e sete moedas que eles já tinham os deixavam a uma moeda de conseguir as oitenta de que precisavam para serem aprovados no teste. Afinal, se cada um deles tivesse vinte moedas a aprovação era garantida, pois se dos mil concorrentes só cinquenta eram aprovados, vinte moedas era a garantia da aprovação.

Aaron ficou com o segundo turno de vigia, sendo acordado por Gent na hora mais escura da madrugada. A lua, que no dia anterior iluminara o céu, se escondia atrás das nuvens, fazendo com que ele não enxergasse um palmo à sua frente. Aaron, como sempre,

estava com sua cabeça em outro lugar. Porém, não no passado ou no futuro. Na verdade, não conseguia tirar seu pensamento de Aurea e no quanto, em tão pouco tempo, ela já era importante para ele.

Ela havia sido sua primeira amiga nesse mundo novo. O acolhera e fizera questão de tê-lo no grupo, lhe tratando bem, mesmo quando ele próprio fora rude, não se importando com suas origens e mistérios. Ela transmitia uma paz e uma felicidade a Aaron que o fazia inventar motivos para estar do lado dela, para conversar com ela... vê-la sorrir. Sua beleza não estava nas coisas óbvias, mas sim nos pequenos detalhes.

— No que você está pensando? – Aurea se arrastara até perto dele, na ponta do tecido, e agora estava deitada, olhando para ele com a cabeça ao lado da sua perna e o corpo na direção do centro do tecido.

— Em você. – Aaron respondera sem pensar, sentindo seu rosto corar. Ele não sabia o que era aquilo. Com as garotas da sua vila não tinha vergonha de dizer o que pensava mas com ela era diferente.

Ela deu uma risada.

— Coisa boa ou ruim?

Ele resolveu passar por cima da vergonha e falar:

— Boa, claro!

— Você não vai contar? – Ele deu uma risada sem jeito enquanto tentava pensar em alguma coisa para falar, então ela insistiu, fingindo estar indignada – É sério? Não vale me deixar curiosa!

— Eu conto! Mas promete que não vai me jogar daqui de cima?

Aurea lançou um olhar engraçado, como se tentando ler sua mente:

– Acho que prometo!

– Está certo. Eu estava pensando se... você...hmmm... – A imagem de Sarah invadiu sua mente, uma pontada de culpa em seu coração, apesar de saber que ela queria que ele fosse feliz os acontecimentos eram muito recentes, apesar de parecerem ter acontecido em outra vida. Sua mente travando uma batalha entre o desejo e a razão.

– Fala logo!

– Eu estava pensando se você não iria querer sair comigo depois que o teste acabasse – Ele deu sorriso sem jeito, sentindo seu rosto quente. A pressão de Aurea fizera com que ele colocasse para fora o seu desejo, por mais errado que lhe parecesse.

Aurea começou a gargalhar alto.

– É... pensando bem, era melhor você ter me chutado daqui. – Aaron falou um pouco desconcertado, sem saber como se sentir diante da reação dela.

– Não, não é isso. É que você está muito fofo falando isso, nunca o imaginei assim! – E voltou a gargalhar, enquanto Aaron dava uma risada sem jeito e falava:

– E eu nunca te imaginei falando “fofo”!

– Eu aceito sim! Mas com uma condição!

– Qualquer uma que a senhorita desejar! – Lá no fundo, ele radiava felicidade, mas sua mente travava uma batalha torturante, se culpando e se arrependendo. Sarah merecia mais do que aquilo.

– Não vai nem perguntar qual é a condição? – Os dois deram mais risadas.

– Qual é a condição?

– Tem que me levar para um lugar muito diferente, que só você conheça!

– Acho que eu consigo fazer isso! Então, temos um encontro marcado?

– Ao mesmo tempo, Sarah iria querer que ele seguisse em frente, se apaixonasse de novo, fosse feliz.

– Encontro é...? – Aurea levantou uma sobrancelha, brincalhona.

– Não é? – Aaron pensara que nunca mais se apaixonaria mas ali estava ele, como leso, desrespeitando tudo que acontecera, se apaixonando por uma elemental, se distanciando do caminho da sua tão desejada vingança, mesmo assim, ele não conseguia dizer não à Aurea, àquele sentimento.

Aurea deu de ombros com um sorriso no rosto, como se dissesse: “quem sabe”. Os dois deram mais uma risada e voltaram a ficar em silêncio por um tempo, olhando um para o outro com um sorriso bobo no rosto, até que Aaron disse:

– Você ainda parece cansada...

Ela fez uma cara de indignada e falou:

– Mal marcou o encontro e já está dizendo que eu estou feia!

– Aaaah, então é um encontro!

– Não ouvi ninguém falar isso aqui! Só alguém dizendo que estou feia!

– Assim, eu não queria falar nada não, mas vo... –

Aurea deu uma tapa na perna dele, enquanto falava rindo:

– Idiota!

– É brincadeira. Você é linda de um jeito que nem você consegue imaginar!

Ela levantou uma das sobrancelhas como se não acreditasse muito nele. Então Aaron voltou para o assunto anterior.

– Mas você ainda parece cansada. Como está se sentindo?

– Estou melhor, quase boa. Amanhã vou estar pronta para conseguir essa moeda que falta!

Ele fez um gesto de afirmação com a cabeça:

– Tinha outra coisa que eu estava querendo perguntar. Algo que acredito ter visto durante a luta.

Aurea estava aparentemente desconfiada.

– Pode perguntar.

– Eu não sei se foi o calor misturado com o cansaço mas eu vi o esqueleto de uma mão gigante, envolto em sua energia, sair da cúpula de fogo enquanto você estava nela. Eu sei que parece similar ao seu poder normal mas a energia que ela emanava era completamente diferente, muito mais... – Aaron parou, buscando a palavra.

– Sinistra... – Aurea completou seu pensamento com uma voz triste.

– Se não quiser falar sobre isso, fica tranquila. Só queria confirmar para ter certeza de que não estava vendo coisas.

– Não tem problema. Eu só não gosto que todos saibam, mas já que você já viu... Aquilo é uma espécie de segundo poder meu e o que realmente me torna poderosa. Consigo criar uma espécie de avatar com minha energia, que se estiver em sua forma completa me dá uma defesa praticamente absoluta e um poder de ataque esmagador.

– Parece bem legal. Mas por que não gosta que os outros saibam que tem esse poder?

– É um poder extremamente raro. Antigamente, as poucas pessoas que nasciam com ele eram mortas pela população e até hoje existe um grande preconceito.

– Mas por que as pessoas faziam isso?

– Esse poder consome uma quantidade de Sjöal absurda, podendo matar o seu usuário. Tanto é que eu só consegui criar o esqueleto do braço direito dela e quase entrei em coma.

– Como assim, “dela”? E isso não explica as pessoas matarem as crianças nascidas com esse poder...

– Você perguntou, agora deixa eu acabar de explicar! “Dela” porque, na verdade, não é um avatar ou um boneco sem vida feito de energia. É mais para uma entidade, um espírito. As pessoas chamam este poder de D’arc e ele assume uma forma para cada usuário, lembrando geralmente uma figura humana. Por mais que a vontade da D’arc esteja ligada à minha, ela ainda possui uma vontade própria. E, principalmente, fome. Uma visceral fome por Sjöal. A D’arc pode matar essa fome consumindo toda a energia do seu invocador, levando aquela pessoa a morte, ou ela pode tirar essa energia dos seres vivos ao seu redor, começando pelas formas de vida mais frágeis e

crescendo à medida que precise de mais energia, até matar tudo que esteja ao seu alcance... – Aurea deixou as palavras no ar, com melancolia na voz, pensando um pouco antes de continuar. – Na verdade, essa é única maneira de se conseguir invocá-la por completo, a não ser que você seja um monstro, com uma quantidade de Sjal absurda, como o seu pai era.

– Meu pai, como assim?

– Foi assim que o Lobo matou a minha mãe. – Por um segundo o coração de Aaron parou de bater. Histórias macabras do seu pai não paravam de aparecer, e agora mais essa. O seu pai era o assassino da mãe de uma das únicas pessoas que ele conhecia e que se preocupavam com ele naquele mundo. O Lobo parecia ter estado ocupado durante a Guerra dos Deuses Caídos, matando a maior quantidade de pessoas possível.

Aaron não sabia o que falar, sua boca abrindo e fechando, sua cabeça completamente em branco:

– Por que você não falou nada antes? – Agora era Aaron que trazia tristeza e culpa na voz, apesar de não ter culpa alguma sobre o acontecido.

– Aconteceu durante uma guerra, exércitos inimigos se enfrentando, você e eu não éramos mais do que bebês, você não tem culpa de nada... -Ela deu de ombros. -... mal me lembro dela, na verdade não sei são apenas as fotos que eu vi e minha mente pregando uma peça em mim. Eu não sei nem porque estou contando isso agora, talvez porque eu ache importante você saber disso, sabe? Antes que nós saíamos...

Aurea parou de falar com o olhar fixo nas estrelas, como se não fosse falar mais nada e Aaron tentava desesperadamente pensar no que falar, seu coração acelerado. Mas antes que pudesse dizer alguma besteira, ela continuou.

— Pelo que li, aconteceu no final da guerra, em uma batalha entre os dois, nos arredores da cidade suspensa de Tur. O Lobo alimentou a D'arc da minha mãe com tanta energia, que ambas explodiram, desintegrando tudo ao seu redor. Dizem que a cratera criada pela explosão está lá até hoje e que seu poder foi tão grande que decepou o antebraço esquerdo do Lobo e desfigurou parte do seu corpo, mesmo ele estando a uma certa distância e completamente encoberto por sua armadura negra.

Aaron podia ver uma pequena lágrima cair do olho de Aurea. Ele a abraçou, agindo no impulso, se sentindo impotente. Ele sabia como era crescer sem mãe, o vazio que aquilo causava...

— Desculpa... – Ele não conseguia pensar em mais nada a dizer.

— Você não tem culpa de nada, Aaron...

— Mesmo assim... obrigado por ter me recebido tão bem... eu não sei se ser... – Aaron não conseguiu terminar a frase pois foi surpreendido por um estampido alto e a sensação de algo passando perto ao seu rosto a uma velocidade absurda. Ele se virou a tempo de ver o tronco da árvore ser atingido por algo, jogando lascas de árvore por todo lado.

Aurea também deu um pulo, ficando de prontidão, enquanto Gent e Kvin acordavam assustados.

— O que foi isso? – Os olhos de Aurea estavam arregalados tentando

enxergar alguma coisa na noite fechada.

— Veio daquela direção! — Aaron apontou para o lado contrário ao da árvore atingida.

Kvin e Gent já haviam se recuperado do susto e procuravam por algum movimento na escuridão.

— Depressa, todo mundo, costas com costas.

Eles se moveram rapidamente, colando as costas um no outro de modo que os pontos cegos fossem eliminados e esperaram por mais algum movimento, mas nada aconteceu por um bom tempo. Quando eles já estavam começando a relaxar, pensando que o perigo fora embora, um garoto pareceu surgir da própria escuridão na frente de Aaron, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

Em um ato reflexo, Aaron disparou um soco contra o misterioso visitante, que desviou sem dificuldade aparente e falou baixo, mas com a voz em alerta:

— Calma, calma! Eu só quero ajudar vocês.

Aaron já estava preparando o segundo golpe mas o parou no meio do caminho. Ele o conhecia de algum lugar.

Percebendo a sua atitude, os outros também pararam seus ataques, ficando em estado de alerta enquanto olhavam para ele tentando entender o que estava acontecendo:

— Você o conhece? — Gent parecia o mais desconfiado de todos. Aaron não olhou para seu amigo, mas perguntou.

— Eu te conheço? — Aaron tinha a estranha sensação de que já vira

aquele garoto em algum lugar, mas não conseguia lembrar onde. O rosto dele estava escondido pela sombra de uma forma estranha, como se a escuridão fosse mais densa perto do seu rosto.

– Nós no cruzamos uma vez, no navio. Mas agora não temos tempo para explicações, vocês têm que sair daqui logo! – Ele levantou o rosto, olhando nos olhos de Aaron, e ele finalmente pôde reconhecê-lo. Não tinha como confundir aqueles olhos, mais pareciam buracos negros sugando toda pouca luz da noite nublada.

– Eu lembro de você... mas por que nós deveríamos confiar em você? Pode estar nos levando para uma armadilha.

– Vocês têm duas opções: confiar ou não confiar em mim. Quanto mais tempo perdermos aqui, pior. Mas se querem uma explicação eu darei. O grupo de Grymm Gruso está vindo para cá e eles sabem exatamente onde vocês estão. Aquelas irmãs víboras seguiram vocês até aqui depois da batalha no acampamento de Hurty. Aquela cúpula de fogo chamou a atenção de metade da ilha, pode ter certeza.

Aaron estava sem entender o que o garoto estava falando.

– Grymm, o filho do alto sacerdote Gruso, o garoto dos olhos lilases?

– Gent questionou ainda sem acreditar muito na história.

– Vão confiar em mim ou não? Não temos muito tempo se quisermos escapar e vocês não estão em condições de lutar contra um grupo forte como aquele. – O garoto misterioso tinha uma urgência genuína na voz.

Aaron pensou um pouco. Algo lhe dizia para confiar naquele garoto, talvez fosse seu jeito, talvez fosse sua aparência macabra, mas aquilo parecia surreal demais e arriscado demais para ser algum tipo de

armadilha, afinal ele poderia ter simplesmente atacado sem que percebessem, não lhes dando chance de revidar:

— Tudo bem. Vamos confiar em você.

— Sigam-me e não façam barulho. Eu tenho um lugar onde podemos nos esconder!

O garoto pulou da árvore e os outros foram atrás dele, correndo pela escuridão. Era difícil acompanhá-lo. Ele parecia enxergar tão bem no breu da noite quanto os outros no dia mais claro. Além disso, os ferimentos começavam a fazer seus efeitos.

Kvin fazia uma careta enquanto corria, apesar de ter reforçado suas costelas com gelo. Aaron mancava devido ao seu corte na perna. Aurea parecia cada vez mais cansada e Gent apenas não tinha o melhor dos preparos físicos.

Apesar disso, o garoto dos olhos negros era implacável, diminuindo seu ritmo só para que os outros pudessem alcançá-lo e não ficassem perdidos na floresta. Ele os forçou, correndo pela ilha, até que Aurea desmaiou de cansaço, fazendo todos pararem para ajudá-la.

— Nós temos que fazer uma parada. Kvin está com algumas costelas quebradas e Aurea desde a batalha do acampamento está quase sem energia. Gent está quase tendo um infarto. Além do mais, já devemos ter despistado eles – Aaron não quis incluir que a sua perna doía como o inferno e ele próprio precisava desesperadamente de descanso, apesar da sua busca desesperada por ar e a fala entrecortada por respirações profundas em busca de oxigênio revelassem sua situação.

O garoto dos olhos negros girou de um lado para o outro, como se tentasse arrumar uma solução:

– Não. Eles ainda estão no nosso encalço. As víboras sentem o calor das suas presas, não dependem de luz para achá-las. Então, chegarão aqui a qualquer minuto.

– Que víboras são essas que você está falando? – Kvin pressionava as costelas como se aquilo fizesse sua dor diminuir.

– As víboras são duas irmãs do grupo de Grymm. Elas têm o poder de se transformar, totalmente ou parcialmente em víboras gigantes. As pessoas chamam as duas de górgonas. – O até então herói misterioso tinha um tom cada vez mais urgente na voz, como se houvesse descoberto algo sinistro – Nós temos que ir, agora! Estamos no meio do território de uma matilha de fenrics. Se ficarmos aqui por mais tempo com certeza seremos atacados.

– Isso não é nada bom. – Aaron colocou a filha do general nas costas.

– Eu tenho uma ideia – Gent, que também estava ajudando Aurea, se levantou – Você disse que eles estão nos rastreando pelo calor, mas Kvin pode resolver isso abaixando a temperatura ao nosso redor. Assim, Grymm e seu grupo vão perder o nosso rastro, mas virão direto para cá, pois foi aqui que as irmãs nos sentiram pela última vez. Eles não nos acharão, mas eventualmente darão de cara com os fenrics. Assim resolvemos dois problemas de uma vez só.

– Tem um problema no plano, gordinho. Aonde iremos nos esconder?
– O garoto dos olhos negros parecia um pouco cético e de mal humor.

Gent olhou ao redor e falou:

– Está escuro demais, não precisamos de um esconderijo tão bom. Aquilo ali vai ter que servir – ele apontou para um emaranhado de arbustos e árvores não muito longe de onde eles estavam. As plantas

ofereciam um esconderijo frágil para os cinco juntos, mas teriam que se contentar com ele.

— E se a matilha de fenrics for grande demais, acabaríamos presos na nossa própria armadilha. — O garoto ainda não parecia convencido.

— Olhe para nós... — Kvin apontou ao redor de si. — ... nos esconder é a única opção.

O garoto misterioso olhou para Aaron e seus amigos, avaliando a situação precária em que se encontravam, os ferimentos, o cansaço, como se fizesse cálculos em sua cabeça, até finalmente ceder a contragosto, ao plano de Gent.

Todos se esconderam, deitados, perto um do outro para que Kvin pudesse esconder todos dos sensores de calor das górgonas sem precisar congelar a floresta inteira.

Passaram alguns minutos até Grymm e seu grupo aparecer, parando não muito longe de onde há pouco tempo Aaron e seus amigos estavam discutindo o que fazer. O filho do arcebispo carregava consigo uma espada reta de dois gumes desembainhada, com uma grande pedra lilás em seu pomo. Não parecia ser feita de um metal normal, pois mesmo no breu da noite refletia com intensidade os poucos raios de luz da lua, como se tivesse brilho próprio. Ele se virou e perguntou para o grupo atrás dele:

— Cadê eles?

Aaron não conseguia ver o resto do grupo adversário, pois seu campo de visão era limitado pelo escuro e pelas plantas que o escondiam, mas pôde ver sobre o brilho da espada de Grymm um rosto reptiliano colocando sua língua bifurcada para fora, a procura de sinais térmicos:

– É como se eles tivessem desaparecido – A voz era feminina e os sons arrastados dos “s” traziam a imagem de uma cobra a cabeça dele.

Uma voz parecida, um pouco mais grossa, que devia pertencer a sua irmã continuou de algum lugar mais atrás:

– O rastro vem até aqui, eles devem ter dado um jeito de esconder o calor dos seus corpos, mas não podem estar longe.

Grymm estava irado ao gritar com seus colegas, que mais pareciam seus subordinados:

– Procurem por esses infiéis e os achem. Quero fazê-los sentir dor, fazê-los sofrer para que possam se redimir diante dos deuses!

O grupo se espalhou, deixando Grymm sozinho, ainda espumando de raiva.

Aaron não entendia por que o filho do arcebispo tinha tanta raiva de Aurea e Gent. Raiva o suficiente para fazê-lo persegui-los cegamente pela ilha, arriscando todo o seu grupo.

O frio já estava começando a incomodá-los. Eles não podiam passar tanto tempo expostos àquela temperatura daquela forma, pois podiam sofrer hipotermia, principalmente Aurea, que já se encontrava debilitada. Além disso, as folhas dos arbustos e das árvores ao redor deles haviam congelado, o que tornava seu esconderijo ainda mais fácil de ser descoberto.

Se passou um bom tempo e várias vezes os integrantes do grupo adversário voltaram para dizer que não tinham achado nada, e todas as vezes Grymm mandou que eles voltassem a procurar, ainda mais

furioso do que antes.

Quando ele escutou o barulho de alguém se aproximando mais uma vez pela floresta, já se virou furioso na direção do som, mas foi surpreendido por um jovem e curioso fenric, que, como Gent dissera, parecia um lobo, mas com uma pelagem preta que se fundia à escuridão, sendo difícil vê-lo por completo.

Aaron não saberia dizer a idade da criatura, mas devia ser muito novo, pois ainda era menor do que um cachorro de grande porte. O pequeno animal foi se aproximando cautelosamente de Grymm, cheirando o chão ao seu redor, e o olhando, tentando entender o que ele era. A criatura provavelmente nunca vira um humano.

Grymm olhou para o jovem fenric com malícia nos olhos e o chamou para perto, como se fosse acariciá-lo. O filhote começou a farejá-lo, ainda desconfiado, mas já era tarde, o filho do alto sacerdote o pegou pelo pescoço e o levantou. O animal ficou um pouco assustado, se debatendo para tentar se desvencilhar do aperto. O garoto tinha um brilho perigoso no seu olhar:

— Então eles achavam que iam nos trazer para uma armadilha e fugir quando fôssemos atacados pela sua família, amiguinho? Mas não podem estar muito longe daqui. Eles não têm como esconder o calor do corpo de tantas pessoas e se movimentar ao mesmo tempo. – Grymm parecia estar conversando com o pequeno animal, que olhava para ele assustado – O que você acha de causarmos uma grande confusão, tirarmos o coelho da sua toca?

Ele levantou o filhote de Fenric o mais alto que podia com seu braço esquerdo e falou:

– Infelizmente, amiguinho, você vai ter que sentir um pouco de dor, mas não se preocupe, pois os deuses estão vendo o seu sacrifício e você será um cachorrinho muito feliz.

O pequeno animal começou a chorar e a gritar alto, como se todas as células do seu corpo estivessem sendo estraçalhadas. Ao mesmo tempo, todos nos arbustos começaram a sentir uma pressão na cabeça, um mal-estar. Aaron apertou forte seu próprio braço tentando se concentrar.

– Como ele teve coragem de usar seu poder naquela pobre criatura?
– Apesar da pressão na cabeça e do cansaço, Aurea, que havia acabado de despertar, estava furiosa. Kvin precisou segurá-la pelo braço para que ela não partisse para cima do garoto de olhos lilases.

– Agora todos nós estamos presos na mesma armadilha. Em poucos segundos, a matilha inteira estará aqui, assim como os curupiras e o esconderijozinho de vocês não vai adiantar de nada. E aí veremos quem vai conseguir escapar. – Grymm gritava para todos ouvirem, enquanto girava a pequena criatura, que ainda chorava sob seu aperto.

Aaron conseguiu ouvir o xingamento baixo de todos, inclusive o do garoto dos olhos negros, que falou:

– Merda, esse filho da puta é louco. Ele não tem noção de com quem está se metendo. Se os gnomos curupiras chegarem aqui, a coisa vai ficar muito feia.

Os outros integrantes do grupo inimigo voltaram correndo para ver o que estava acontecendo e, ao perceberem, se juntaram ao seu líder, formando um círculo e esperando pelo ataque iminente. Enquanto isso, o Sol começava despontar no horizonte, lançando seus primeiros

raios sobre a ilha de Ilymna e levando embora a escuridão e a noite, que até então haviam sido aliadas de Aaron e seus amigos.